

Tem indígena aqui: reflexões acerca do protagonismo indígena na história em quadrinho da revista

*Almanaque Tem Cientista Aqui*¹

There are indigenes here: reflections about the indigenous protagonism in a story of the comic book

Almanaque Tem Cientista Aqui

Julia Melo Chohfi²

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Paola Susana Mendoza Champi³

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Sarah Marion Martins⁴

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)



10.11606/2316-9877.Dossie.2023.e217428

Resumo

Partindo da base teórica da análise do discurso franco-brasileira e estabelecendo relações com a arte dos quadrinhos com o viés de divulgação científica para o público escolar, são problematizadas as discussões em torno do conhecimento científico e popular através da representatividade e protagonismo indígena. O corpus tomado como objeto de análise é a história em quadrinho "*Quantas espécies de peixes existem na*

¹ Apresentado na Seção Temática 2 - "Quadrinhos, História e Sociedade", modalidade remota, em 22 ago. 2023. Apresentação disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=fl0qZbsB09c&t=61s>. Acesso em: 25 nov. 2023.

² Graduanda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Estagiária no Campus Sustentável Unicamp, atuando no Departamento de Comunicação do projeto "Campus Sustentável". E-mail: j238264@dac.unicamp.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7563-6270>.

³ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (IEL-LABJOR) da UNICAMP. Bacharela em Comunicação Social - Midialogia no Instituto de Artes (IA) pela mesma instituição (2016/2021). Desde 2022 é integrante do subprojeto de Comunicação do Campus Sustentável da Universidade Estadual de Campinas, na condição de bolsista no projeto MERGE (Microgrids for Efficient, Reliable and Greener Energy). Iniciante nos estudos da Análise Discursiva franco-brasileira, possui interesse nas significações imagéticas e semióticas. E-mail: p185348@dac.unicamp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0910-620X>.

⁴ Graduanda em Artes Visuais pelo Instituto de Artes (IA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com bolsa do Programa de Auxílio a Projetos Institucionais (PAPI) no departamento de comunicação do projeto "Campus Sustentável". Trabalha com criação e ilustração de quadrinhos. Outros interesses são ilustrações de livros infantis, animação, fotografia e indústria cinematográfica. E-mail: s259788@dac.unicamp.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9263-6818>.

bacia amazônica?”, na revista *Almanaque Tem Cientista Aqui!*, de novembro de 2022, da rede *Conexões Amazônicas*.

Palavras-chave: História em quadrinhos. Análise do discurso. Decolonialidade.

Abstract

Based on analysis of discourse and relating with the art of scientific communication of comic-books for public school, it discusses how the scientific and popular knowledge are problematized through indigenous representativeness and protagonism. The corpus analyzed consists in the story “How many species of fish exists in Amazon basin?” (*Quantas espécies de peixes existem na bacia amazônica?*), in the comic book *Almanaque Tem Cientista Aqui!* of november, 2022, from rede *Conexões Amazônicas*.

Keywords: Comic book. Discourse Analysis. Decoloniality

INTRODUÇÃO

Em 2019, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi inaugurada a rede *Conexões Amazônicas*, trabalhando na divulgação científica em torno da região amazônica e conectando pesquisadores com a comunidade escolar. Em 2022, tornou-se possível a oficina “Tem cientista aqui” em parceria com o Instituto de Mamirauá, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas (INC-UFAM) e o governo do Amazonas. Nela, criou-se o almanaque homônimo à oficina para a sua utilização com os estudantes do ensino fundamental, com o objetivo de aproximá-los ao cotidiano dos pesquisadores que estudam a Amazônia nas áreas de arqueologia, recursos hídricos, ecologia e sociologia.

As ações da oficina contaram com a participação da comunidade e lideranças locais, de modo que os agentes envolvidos no projeto utilizaram a ferramenta quadrinística com objetivo de divulgação científica. Esta pesquisa toma como princípio que, para se tornar possível a divulgação científica, a equipe aplicou ações de comunicação popular nas escolas amazônicas. No livro *El Comunicador Popular* (1984), Mario Kaplún apresenta três modelos de educação: o que foca no conteúdo, o que enfatiza os efeitos e o que se preocupa com o processo. O autor assinala que esses três modelos não se encontram separadamente nas ações educativas, eles se misturam, em proporções distintas. Assim, pode-se afirmar que esses modelos podem ser observados dentro das ações da oficina *Tem cientista aqui*. Segundo a sequência pedagógica da oficina, após as apresentações de conteúdo com o material

didático (almanaque) foram elaboradas atividades para incentivar a participação dos estudantes (como roda de conversa e elaboração de artes), estimulando o protagonismo deles com as áreas de ciência abordadas “Com essa oficina, as crianças vão crescendo com aquele entusiasmo de saber o que é ciência, o que é uma pesquisa.” (Fleischmann; Gool; Ribeiro, 2020, p.17). O material conta com uma coletânea de seis histórias em quadrinhos, desenvolvidas pela própria equipe de pesquisadores. Utilizando a ferramenta metalinguística, as histórias apresentam os próprios cientistas nas suas respectivas funções, mostrando-se como mentores para com os protagonistas, sendo estes crianças.

Os gibis, caracterizados pela linguagem acessível, podem ser utilizados como materiais pedagógicos em salas de aula, sendo eles muitas vezes, as primeiras fontes de informação do público infantil (Souza, 2017). Não obstante, devido à alta resistência por parte dos educadores, a inserção dessa arte nas escolas ocorreu lentamente:

(...) no princípio, as HQs não eram bem vistas pela sociedade, enfrentaram várias barreiras, as pessoas eram contra esse tipo de leitura, entendida como subleitura. Esse preconceito surgiu de pais e educadores da época, pois viam as leituras em quadrinhos de maneira negativa, com desconfianças, como inferior. Assim, as HQs, sempre sofreram duras críticas, por se deduzir que viessem a afetar o desempenho intelectual dos leitores (Alves, 2018, p. 18).

Tal situação se deve ao contexto histórico de origem da Nona Arte. Em meados do século XIX, a arte dos quadrinhos apareceu pela primeira vez ocupando as folhas dos jornais da época. As narrativas em torno da protagonização tinham por objetivo “construir e solidificar os valores burgueses utilitaristas desde a infância.” (Alves, 2001). Com o passar do tempo, as histórias em quadrinhos foram apresentando funções diferentes. O almanaque citado nesta pesquisa, estimula o empoderamento de estudantes indígenas da região amazônica Mamirauá nas atividades práticas da oficina, assim disseminando conhecimentos culturais e científicos que esse tipo de linguagem potencializa. Por dar voz a espaços regionais silenciados “no que diz respeito à diversidade natural, mas também à diversidade étnica e cultural” (Ferreira, 2020, p.55), torna-se interessante analisar a história em quadrinho “Quantas espécies de peixes

existem na bacia amazônica?”, da revista *Almanaque Tem Cientista Aqui!* de novembro de 2022, da rede *Conexões Amazônicas*.

Agradecimentos ao Campus Sustentável Unicamp pelo apoio e estrutura para que este artigo seja possível. O Campus Sustentável conta com investimento dos programas de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) e Programa de Eficiência Energética (PEE) regulados pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), em parceria com diversas empresas do setor elétrico brasileiro. O projeto visa melhorar a infraestrutura da Universidade e região, através do estudo e desenvolvimento de novas tecnologias, aprimorar o ensino e a pesquisa, transformando a Unicamp no maior Laboratório Vivo de Sustentabilidade Energética da América Latina. Nele, o Setor de Comunicação em Divulgação Científica e Cultural toma como base as inter e transdisciplinaridades entre as ciências exatas, humanas, artes e linguagens para trabalhar na área da comunicação.

1 - Discurso e quadrinhos

Para a análise do discurso: “a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação.” (Orlandi, 2007, p. 9), podendo o discurso se apresentar em outras materialidades para além da escrita:

o discurso não é algo que ocorre apenas de forma oral, como muitas vezes é associado aos discursos políticos. Ele ocorre de várias formas como por exemplo, de forma escrita, nos mais diversos gêneros literários, em imagens, músicas, conversas cotidianas e também nas HQs. (Ferreira, 2020, p. 44).

Deste modo, é observado que a arte dos quadrinhos é passível de interpretação e de que, nos interdiscursos, podem ser percebidas ideologias enraizadas nas relações de sentidos que o objeto de estudo estabelece: “a história em quadrinhos é transmissora de ideologia e, portanto, afeta a educação de seu público leitor” (Mendes, 1990, p.25 *apud* Alves, 2001), podendo ser reproduzido através de estereótipos de classe, sexo e raça.

Por se tratar de uma obra para uso em salas de aula, as posições do discurso entre o autor e o leitor remetem à relação tradicional de aluno e

professor. Deste modo, há uma posição hierárquica do saber, a partir da relação entre as posições dos autores do gibi, os pesquisadores biólogos Cárllison Silva de Oliveira, Thatyla Farago e Leonardo Goll, com os leitores, estudantes do ensino fundamental. Isto, porque é esperado que os cientistas tenham um conhecimento mais aprofundado sobre os temas abordados do que os jovens leitores com base nas formações discursivas.

(...) as formações discursivas são o reflexo das formações ideológicas no discurso. São aquilo que o sujeito pode e deve dizer a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada (PÉCHEUX, 1975). E não é o lugar social empírico ou físico que determina, mas o imaginário, ou seja, há uma projeção, em cuja base estão as formações imaginárias, que projetam o sujeito de sua situação, lugar social, para sua posição no discurso: posição sujeito padrão, posição sujeito empregado, posição sujeito professor etc. (Orlandi, 2022)

Entretanto, devido à natureza dos quadrinhos, essa posição hierárquica do saber não impossibilita o leitor de participar de modo ativo durante a leitura, permitindo que o jovem se empenhe na obra e protagonize a história.

McCloud (2005, p. 20), em sua própria conceituação, apresenta os quadrinhos como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”, conferindo ao leitor um papel decisivo ao colocá-lo como parte determinante da obra. Afinal, além de ser absorvido por esse tipo de leitura repleto de metáforas e analogias, também se insere valores universais que contribuem em sua relação com o mundo – em outras palavras, o leitor torna-se participante e formador de opiniões. (Santos; Neves, 2022)

O título da história em quadrinhos “Quantas espécies de peixes existem na bacia amazônica?” desloca a criança leitora da posição passiva para a posição de agente ativo. Na tentativa de buscar a resposta para a pergunta do título, a criança é convidada a se debruçar na leitura. A pergunta em si não é tão importante, servindo apenas para instigar o jovem leitor, obtendo a resposta logo nos primeiros quadros. Inicialmente é apresentada a protagonista do gibi, Iná (figura 1). Trata-se de uma menina cuja faixa etária e localidade é a do público-alvo da oficina; deste modo, há uma identificação catártica, que, segundo Alves (2001), faz com que o público tenha maior atração pela história através da identificação com a personagem principal apresentada. A representação feita

pelos autores sobre o espaço em que ela mora quebra estereótipos de integrantes de povos indígenas, a partir de elementos como armários, fogão, pia e televisão, mostrando, ao mesmo tempo, o apagamento da sua cultura pelo homem branco.

Figura 1 - Início da história em quadrinhos



Fonte: Recorte de “Quantas espécies de peixes existem na bacia amazônica?” (Oliveira, Farago; Goll, 2022)

Essa polissemia entre “quebra de estereótipos x apagamento pelo homem branco” é uma característica recorrente nessa história. No cenário da casa de Iná, a televisão é o único elemento apresentado como fonte de informação científica. Uma possível interpretação para o observado é que esse meio de comunicação de massa, alheio à cultura indígena, é a fonte mais próxima na qual a personagem acessa temas científicos. O próprio cientista, “Doutor Cárllison Oliveira, Biólogo, formado pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia”, traz, na sua fala, elementos que remetem à linguagem científica, como números e palavras técnicas, como “Mais de 2.700 espécies já conhecidas!” e “Quem faz esse trabalho é o taxonomista.” A relação de poder estabelecida entre cientista e não cientista é contrastada com o controle remoto na mão de Iná. Partindo do pressuposto de que ela estava trocando de canal quando se deparou com esse programa que a interessou, reafirmado na expressão facial da personagem. Desse modo, o controle remoto remete à ideia de que, embora haja uma

imposição da televisão, com informações de ciências, Iná tem o controle de acesso às informações científicas, portanto, ela possui a sensação de autonomia de escolha a aceitá-las ou não.

2 - O imaginário discursiva

Admirada pelas informações que o biólogo transmite na televisão, Iná faz uma construção imaginária sobre o tema. No terceiro quadro (figura 2), Iná é inserida completamente em seus pensamentos e antropomorfiza os animais. Esse espaço lúdico permite que seja utilizada uma linguagem acessível para a compreensão da linguagem científica pelas crianças, também pelos elementos visuais: a lupa e alguns papéis, possivelmente, fichas de identificação. Os animais aquáticos com olhos grandes e expressões sorridentes aproximam a criança leitora da história, pois traços juvenis que remetem a filhotes “desencadeiam mecanismos inatos de liberação de afeto” (Alves, 2001, p. 4).

Figura 2 - Terceiro Quadro



Fonte: Recorte de “Quantas espécies de peixes existem na bacia amazônica?” (Oliveira; Farago; Goll, 2022)

A arte dos quadrinhos, por ser “um recurso de fácil manipulação que permite adaptar a linguagem à idade dos alunos e alterar as imagens e ações

dos personagens conforme o conteúdo trabalhado” (Trevisan; González; Borges, 2020) possibilita o acesso a linguagem científica, como também o ensinamento dela. É possível observar na fala do peixe-boi ao se referir a uma espécie com o nome em latim e depois apresentando-a com o nome regional “Eu o batizo *Semaprochilodus insignis!* Ou Jaraqui para os amigos!” aproximando a criança leitora dos temas científicos, assim como explica a função de um taxonomista. Por outro ângulo, ao validar o latim apresentado como nome científico e descaracterizar o nome em português com a área de ciência, colocando-a no campo da informalidade, estabelece sentidos de relação de poder sobre o conhecimento. Pois ao considerar as nomenclaturas com raízes eurocêntricas (latim) exclusivamente como ciência, em contraposição a nomenclaturas brasileiras como apenas popular, tende a inferiorizar as demais formas de conhecimento para manutenção da própria hegemonia científica eurocentrista. É importante ressaltar que este artigo não pretende problematizar conceituações em torno do movimento internacional de “criação e adoção de um único código de nomenclatura para todos os organismos” (Filgueiras, 1998) denominado Biocódigo, apenas questiona a estratégia utilizada na introdução dessa conceituação na história em quadrinhos sob um olhar decolonial. Outro ponto interessante deste recorte é observar que o personagem taxonomista (o cientista) aparece sozinho durante o seu trabalho. Deste modo, ao personificar a ciência em apenas um personagem, nega quaisquer pluralidades e trabalhos colaborativos, construindo o sentido da ciência como um processo estritamente solitário entre o pesquisador e seus objetos de estudo. Por sua vez, o cientista, ao “batizar” as espécies, traz consigo um tom bíblico e ritualístico, dando a errônea impressão de que a ciência funciona de um modo místico sem nenhum rigor de métodos científicos.

3 - Deslocamento de sujeito

A montagem das imagens apresentadas no sexto quadro (figura 6) - extração de ouro, descarte inconsciente de produtos no mar, pesca desenfreada e desmatamento - correspondem a atos poluidores de exclusiva interferência humana. Ao conectar essa construção imagética com a fala de Cárilson - “O surgimento de novas espécies é um processo natural, assim como a sua

extinção. Mas a destruição da natureza leva muitas espécies a desaparecer antes mesmo de terem um nome” -, esconde a problemática da interferência humana poluidora, especulando que a poluição é um processo estritamente natural, assim como, a extinção de espécies.

No sétimo quadro (figura 3), na tentativa de reforçar a importância da conscientização do meio ambiente, Iná interrompe a história ao usar o recurso da quebra da quarta parede, que tem como objetivo principal “atingir um público alvo, desmontando o próprio formato da sua mídia e criando um diálogo direto com o espectador.” (Alves; Andrade, 2018, p.8). Não obstante, esse recurso não é tão bem utilizado. Pois na sequência desses dois quadros a tentativa de denúncia tropeça devido ao deslocamento do sujeito poluidor: do homem para a natureza. A protagonista ao falar “Não podemos permitir que isso aconteça!”, parece não condizer com a imagem anterior, já que no sexto quadro, é dito que a poluição é algo natural, que independe da ação humana.

Figura 3 - Sexto e sétimo quadros



Fonte: Recorte de “Quantas espécies de peixes existem na bacia amazônica?” (Oliveira; Farago; Goll, 2020)

1.4 O dito e o não dito

“Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz ‘x’, o não-dito ‘y’ permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de ‘x’. Isto é, uma formação discursiva pressupõe uma outra (...)” (Orlandi, 2020, p.81). Sob essa perspectiva é analisado o último quadro (figura 4). Iná adulta relata ao leitor a importância que o programa televisivo teve em sua vida. Explica que apenas se deu conta de que a conservação do meio ambiente é importante

por meio da televisão e de que o único caminho para se obter conhecimento é pela universidade, apagando qualquer ato, filosofia ou cultura de seu povo indígena. E, assim, convidando as crianças leitoras a seguirem os passos dela. Deste modo, mesmo sem dizer engrandece a cultura do homem branco.

Figura 4 - Último quadro



Fonte: Recorte de "Quantas espécies de peixes existem na bacia amazônica?" (Oliveira; Farago; Goll, 2020)

O discurso desperta a memória histórica e racial alinhada às relações de poder estabelecidas pelo homem branco colonizador que inferioriza e desumaniza os diversos povos indígenas, propagando-se até os dias atuais (Ferreira, 2020). Assim, é problematizada a polissemia em torno de Iná, pois ao mesmo tempo em que sua posição objeto é deslocada para a posição sujeito, pela jornada do herói,

(...) personagens que passam por um período de aprendizagem e aquisição de habilidades para, conseqüentemente, trazerem benefícios para si ou para sua comunidade. Ele relaciona a construção da trajetória do herói na narrativa fantástica e suas representações arquetípicas no desenvolvimento social e cognitivo do leitor para que este desenvolva seu próprio modo de conduta na sociedade, trilhando buscas e descobertas, aprendendo a respeito de si e do mundo, adquirindo talentos especiais para tornar-se a efetiva mudança em prol do espaço onde vive. (Roberto, 2017, p.78)

Indica-se, assim, que é possível indígenas ocuparem universidades brasileiras nas áreas das ciências biológicas, mas nega-se, ao mesmo tempo, a possibilidade da construção de conhecimento dentro da sua própria cultura, assim como uma construção conjunta e colaborativa, uma vez que, no discurso, a cultura indígena é associada a produção de “crenças populares” e não de “conhecimento científico”.

Considerações finais

Estabelecendo uma comunicação ainda que popular, em alguns momentos mais dominadora do que participativa, o projeto no qual a história em quadrinhos analisada está inserida possui um papel importante para problematizar questões em torno da divulgação científica e decolonialidade. Para além da atração visual que as histórias em quadrinhos geram no jovem leitor, estas também têm um papel importante na formação do educando enquanto leitor e cidadão, já que mobilizam novos conhecimentos de mundo e transmitem ideologias (Alves, 2001). Entre o dito e o não dito, deslocam-se sentidos em torno dos conhecimentos caracterizados majoritariamente por doutrinação eurocentrista. É com essa função que a história em quadrinhos analisada desenvolve seu enredo. A fim de valorizar os conhecimentos construídos na região amazônica de Mamirauá e empoderar a comunidade indígena da região, os autores narram a trajetória de uma protagonista indígena desde sua infância até sua juventude como universitária e, posteriormente, bióloga. Há, nessa personagem, uma representatividade importante, principalmente, considerando que “Mulheres, negros e índios participam freqüentemente como personagens secundários nas histórias em quadrinhos. (...)” (Mendes, 1990/1, p.79 apud Alves, 2001, p. 5). Iná simboliza o incentivo das mulheres indígenas nas áreas da ciência. O projeto tem como objetivo que as crianças participantes da oficina tenham um primeiro contato com a academia e sintam-se incentivados a almejar no futuro o ingresso em universidades.

abordar assuntos relacionados ao cotidiano dos alunos linkando com a profissão cientista, para despertar a curiosidade e vontade dos mesmos de protagonizar as investigações relacionadas à

preservação da Amazônia no futuro” (Fleischmann; Gool; Ribeiro, 2020, p.22)

Em termos pedagógicos, o enredo apresenta uma importante representatividade e amplia as perspectivas educacionais desses jovens, ao lhes mostrar que ser cientista pode ser uma possibilidade de profissão futura. Contudo, os autores acabam por ter um efeito parcial, ao construir uma hierarquia entre o conhecimento científico eurocentrista e o conhecimento indígena. Assim, apesar de propagar a valorização cultural indígena, a história falha parcialmente, ao engrandecer e hegemonizar “o conhecimento científico do homem branco eurocentrista” em detrimento a outros tipos de conhecimentos.

Referências

ALVES, José. *Histórias em quadrinhos e educação infantil*. Belém, PA: Departamento de Psicologia Experimental da Universidade Federal do Pará, set. 2001. 10p. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZBgrwP9bxxKxSTtQsTcSbtb/>. Acesso em: 16 out. 2023.

ALVES, A. P. A. *Histórias em quadrinhos como espaço pedagógico de leitura na formação do leitor: cruzando limites antes impossíveis*. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraíba, João Pessoa 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14676> . Acesso em: 16 out. 2023.

ALVES, Maiara Thaís; ANDRADE, Émile Cardoso. Para além da ficção: magia, técnica e seus modos de narrar. *In: CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG, 4º., 2018, Goiás. Anais*. Goiás: CEPE, 2018. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/10523>. Acesso em: 16 out. 2023.

FERREIRA, K. A. A. *Decolonialidade quadrinística na Educação em Ciências: um olhar para heróis de Histórias em Quadrinhos brasileiras*. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216713>. Acesso em: 16 out. 2023.

FILGUEIRAS, T. S. Comentários sobre o Biocódigo. *Acta Botanica Brasilica*, v. 12, n. 2, p. 195-202, ago 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abb/a/4rFRytYBQDWppD45Sr5qcTB/?lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2023.

FLEISCHMANN, Ayan; GOOL, Leonardo; RIBEIRO, Karina Nymara Brito. *Projeto Conexões Educativas no Médio e Alto Solimões*. Amazonas, Brasil: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2022. Disponível em: <https://conexoesamazonicas.org/tem-cientista/>. Acesso em: 16 out. 2023.

KAPLÚN, Mario. *El comunicador popular*. Quito, Equador: Editorial Belén, 1985.

OLIVEIRA, C. S.; FARAGO, T.L.B.; GOLL, L. Quantas espécies de peixes existem na bacia amazônica? *Almanaque Tem Cientista Aqui!* Tefé, Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Ano 1, nº 1, p. 14-15, nov. 2022. Disponível em: <https://conexoesamazonicas.org/tem-cientista/>. Acesso em: 16 out. 2023.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Forma sujeito histórica e sujeito de direito: as bases da sociedade capitalista e os gestos de interpretação. *Rua*, v. 28, n. 2, p. 339-351, nov. 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8670835>. Acesso em: 16 out. 2023.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ROBERTO, André. Jornada do herói nos quadrinhos: o leitor e a leitura no processo de descoberta e conhecimento. *Diálogo*, n. 34. Dossiê, p. 71-84, abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/3279>. Acesso em: 16 out. 2023.

SANTOS, Andrea Pereira dos; NEVES, André Roberto Custódio. Quadrinhos, cultura e sociedade: contribuições das narrativas sequenciais para formação do leitor. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, SP, v. 20, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8667789/27894>. Acesso em: 16 out. 2023.

SOUZA, Rafael Queiroz. *Histórias em quadrinhos como fonte de informação e incentivo à leitura*. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/166/1/TCC_HistoriasQuadrinhosFonte.pdf. Acesso em: 16 out. 2023.

TREVISAN, K. I.; GONZÁLEZ, F. J.; BORGES, R. M. Histórias em quadrinhos como recurso metodológico: uma possibilidade nas aulas de educação física. *Movimento*, [S. l.], v. 26, p. e26090, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/105484>. Acesso em: 16 out. 2023.

Recebido em: 20.10.2023.

Aprovado em: 24.11.2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional